



Características do Jornalismo Literário no meio impresso: uma análise da Revista Brasileiros¹

Geovanna Argenta de Bastos Resende²

RESUMO

Este trabalho procurou identificar características do jornalismo literário na revista Brasileiros. Para isso, analisa três reportagens da revista correspondentes aos meses de fevereiro, março e abril de 2010, e chega à conclusão de que é possível encontrar traços do jornalismo literário nos textos da publicação. Na revisão bibliográfica, buscou-se discorrer sobre o conceito e as características do jornalismo literário e apresenta as diferentes vertentes desse gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; literatura; jornalismo literário, revista Brasileiros.

INTRODUÇÃO

O jornalismo e a literatura, como estilos distintos da escrita, sempre retrataram as transformações do homem em diversas sociedades, tendo um papel determinante na história. A convergência entre os dois, conhecida principalmente por jornalismo literário, também assumiu a importante função de dar voz às mudanças sociais em diferentes épocas, e ressurge como uma alternativa ao jornalismo superficial presente na mídia do século XXI.

O ponto mais complexo para entender o conceito de jornalismo literário é o fato de que o jornalismo e a literatura, a partir do início do século XX, passaram a ser consideradas áreas antagônicas. Scalzo (2003, p.57) deixa claro esse posicionamento ao afirmar que “jornalismo não é literatura. Quando tenta ser, arrisca-se a soar como mera ‘literatice’”.

Assim como Scalzo, vários autores acreditam nessas barreiras intransponíveis, nas quais, segundo Bulhões (2007, p. 16):

De um lado, o jornalismo seria uma atividade baseada na urgência informativa, ocupado e preocupado somente com os fatos. Quanto à literatura, bem, ela poderia se entregar sem culpa aos desregramentos da

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro do NEPJOR (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Jornalismo e Multimídia), e-mail: argenta.geovanna@gmail.com



ficção e da fantasia.

Bulhões (2007, p. 16) ainda afirma que “na literatura o componente ficcional é um dos atributos mais encantadores”, mas é necessário lembrar que as escolas literárias tiveram uma importante função no registro de suas épocas, assumindo assim, um papel que, baseado na divisão proposta por Bulhões, seria destinada ao jornalismo.

Um bom exemplo é o Realismo, escola literária do século XIX, na qual os romancistas escreviam textos baseados na captação do real. Na definição de Wolfe (*apud* Lima, 2004, p. 181), os romancistas realistas “aceitavam rotineiramente a desconfortável tarefa de se fazer reportagem, ‘cavando’ a realidade simplesmente para reproduzi-la direito.”

Lima (2004) afirma que a própria formação do jornalismo se confunde com a história da literatura, e explica que:

Num primeiro momento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade. (LIMA, 2004, p.178)

A drástica ruptura do jornalismo e da literatura aconteceu nos anos 1950, com o início do império do *lead*. Para Bulhões (2008, p. 136), o *lead* é uma técnica adotada nos Estados Unidos desde o início do século XX, que seria uma forma objetiva e imparcial de escrever notícias, respondendo já no primeiro parágrafo as seis perguntas que interessariam ao leitor: o que, quem, quando, onde, como, por quê?

Entretanto, ao mesmo tempo em que os manuais de redação do mundo todo adotavam o *lead* como o melhor jeito para escrever uma matéria objetiva, neutra e imparcial, iniciava-se também nos Estados Unidos, um movimento que negava esse jeito engessado de escrever, e propunha o renascimento da união jornalístico-literária.

O jornalismo literário, segundo Vitor Necchi (2007), é caracterizado pela “profunda observação, imersão na história a ser contada, fartura de detalhes e descrições, texto com traços autorais, reprodução de diálogos e uso de metáforas, digressões e fluxo de consciência”.



Já Pena (2008, p.13) define características que ele chama de estrela de sete pontas, e acredita que fazer jornalismo literário:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Lima (1993, p. 56) vai além e acredita no patamar holístico que pode ser atingido ao se revolucionar antigas estruturas, como as estratégias do jornalismo convencional, e gerar oportunidade para a criação de novos padrões, como o proposto pelo jornalismo literário.

Para melhor entender o jornalismo literário, será feita uma síntese de algumas das várias vertentes derivam de suas características. Será utilizada a definição de Felipe Pena (2008, p. 21) de que o jornalismo literário é um gênero, e todas as outras derivações inspiradas nele serão classificadas como subgêneros.

O Jornalismo Literário e seus gêneros

Para diferenciar os termos que geralmente são tidos como sinônimos, é possível classificar o *new journalism* como um subgênero ou um período determinado do jornalismo literário. O gênero remonta a séculos passados, enquanto o novo jornalismo tem sua expressão na segunda metade do século XX.

Segundo Bulhões (2007, p.146), essa corrente surgiu nos Estados Unidos como uma reação anti-*lead* em seu berço criador. O autor (2007, p.146) afirma que o *New Journalism* foi libertador no país em que o jornalismo mais desenvolveu a prática textual pré-moldada.

Lima (1993, p. 44) acredita que o contexto histórico foi essencial para o nascimento do *new journalism*, já que parte da população se rebelava contra o excessivo materialismo americano. O cenário pós-guerra colaborou para formar uma geração questionadora, que “virava os conceitos básicos da América de pernas para o ar” (LIMA, 1993, p. 45).

O representante mais antigo do gênero nos Estados Unidos é a reportagem *Hiroshima*, de 1946, feita por John Hersey um ano após a explosão da bomba americana na cidade japonesa. Hersey escreveu um relato que ia além dos frios números de vítimas que foram estampados nas páginas de jornais do mundo inteiro. Duas décadas mais tarde, o escritor Truman Capote produziu o romance *A sangue frio*, que “provocaria uma sensação espantosa e acabaria



fornecendo munição pesada em favor do *New Journalism*” (Bulhões 2007, p. 148), apesar de Capote não ter imaginado que sua obra se classificaria como tal.

Outros diversos autores construíram o *new journalism* que “agitou o epicentro do jornalismo mundial e abalou estruturas fossilizadas da textualidade jornalística” (BULHÕES, 2007, p. 145), o que Wolfe (*apud* PENA, 2008, p. 54) descreve como “evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal 'imprensa objetiva”.

O jornalismo literário, como tantas outras categorias, é inspirador de vários movimentos e correntes que derivam de suas características. Seguindo essa linha, surge também o jornalismo Gonzo. Marcado pelo radicalismo, o gênero procurou negar os mitos da objetividade, neutralidade e imparcialidade, propostos pelo jornalismo convencional. O jornalismo Gonzo buscou “[...] escancarar a questão da impossível isenção jornalística tanto cobrada, elogiada e sonhada pelos manuais de redação” (PENA, 2008, p.57).

A principal referência do gênero, *Fear and loathing in Vegas: a savage journey to the heart of the american dream*³, de Hunter S. Thompson, incorpora a idéia do “[...] envolvimento profundo e pessoal do autor no processo da elaboração da matéria. Não se procura um personagem para a história; o autor é o próprio personagem. Tudo que for narrado é a partir da visão do jornalista” (PENA, 2008, p.57).

Esse subgênero busca se envolver ao máximo com os fatos e as personagens, e não mede conseqüências para escrever uma reportagem. Suas características consistem “[...] no envolvimento profundo e pessoal do autor no processo da elaboração da matéria. Não se procura um personagem para a história; o autor é o próprio personagem. Tudo que for narrado é a partir da visão do jornalista” (PENA, 2008, p.57).

Seu percussor, Hunter S. Thompson, defendia idéias drásticas para se fazer uma boa reportagem, como provocar o entrevistado com ofensas e xingamentos, para poder observar a reação dele (PENA, 2008, p.56). Ele também acreditava ser impossível escrever sobre algo somente com base em entrevistas, ou seja, era preciso viver a reportagem, ter envolvimento pessoal com ela.

E a partir desse pensamento é possível afirmar que o homem tem uma relação muito forte

³ Tradução: Medo e Delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao coração do sonho americano.



com as suas lembranças, com sua estória, com a memória de sua vida. Por isso a biografia é um subgênero muito praticado e vendido no mundo, pois o público sente-se seduzido a desmistificar os deuses-homens que eles mesmos criaram.

Entretanto, Pena traz um novo conceito sobre o subgênero, que ele denomina *teoria da biografia sem fim*. Segundo a tese do autor, a biografia não deveria ser escrita a partir de relatos cronológicos dos acontecimentos, discordando com o filósofo Pierre Bordieu, que acredita que uma história de vida deve ser “o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção” (PENA, 2008, p. 91).

A proposta inovadora de Pena consiste em gerar uma interatividade para o leitor, e assume não ser possível retratar a verdade sobre a vida de alguém. Segundo ele (2008, p. 91):

A idéia é organizar uma biografia em capítulos nominais que reflitam as múltiplas identidades do personagem (por exemplo: o judeu, o gráfico, o pai, o patrão etc.). No interior de cada capítulo, o biógrafo relaciona pequenas histórias fora da ordem diacrônica. Sem começo, meio e fim, o leitor pode começar o texto de qualquer página.

Seja através dessa proposta pós-moderna sugerida por Pena, ou pela tradicional que há anos ocupa as cabeceiras de leitores no mundo inteiro, a biografia tem seu papel essencial no mundo jornalístico-literário, pois permeia bem entre os dois mundos ao buscar a retratação de fatos reais da vida de alguém, com artifícios narrativos que prendam a atenção do leitor até o fim da obra.

Já a proposta do jornalismo literário avançado surgiu na década de 1990, através da tese de doutorado do professor Edvaldo Pereira Lima, apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Lima (1993) acredita que o ser humano deve ser visto em uma visão holística, ou seja, deve-se considerar que o indivíduo não é um ser isolado no mundo, mas que depende de vários aspectos para que influenciem seu ponto de vista. De acordo com a visão holística destacada por Lima (1993, p. 258-259):

O observador não pode ter uma leitura correta da realidade se não se preparar, ele próprio, para a condição necessária à nova perspectiva de entendimento. Observador, observado e a coisa observada transformam-se em interação sistêmica, crescem para novos níveis de compreensão. Só assim, mediante a experiência própria, o jornalista terá capacidade de despertar, no leitor, os estados de percepção similares aos que vivenciou.



Por mais que a proposta brasileira de jornalismo literário, segundo Lima (1993), seja uma adaptação à realidade local, conserva os principais conceitos que caracterizam o gênero, o que é importante para fortalecer a unidade conceitual, e, conseqüentemente, propagar esse estilo diferente de se fazer jornalismo.

Por fim, há o livro-reportagem que pode ser considerado mais como um formato do que um gênero. Lima (1993, p.7) afirma que “o livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalística não periódica” que pode tanto ser uma extensão de assuntos tratados na mídia como ser um canal de comunicação de assuntos marginalizados pela imprensa cotidiana.

O livro-reportagem tem a proposta de ser uma fuga da falta de espaço e de tempo característicos do jornalismo tradicional. Eles refletem a necessidade dos jornalistas de se desprenderem das barreiras do *lead* e o interesse de um público que quer saber além do que é publicado na mídia diária. Além de ser um meio para a publicação de grandes reportagens, ainda é um produto cultural de extrema relevância porque faz com que o jornalismo avance “para além dos limites convencionais que ele próprio se impõe” (LIMA, 1993, p.7).

Procedimentos Metodológicos

Segundo Lopes (2003, p. 133), uma pesquisa possui quatro fases básicas: definição do objeto, observação, descrição e interpretação. Na definição do objeto, o problema de pesquisa proposto é: a revista *Brasileiros* apresenta características do jornalismo literário? Para respondê-lo, foi utilizado como principal referencial teórico o livro *Jornalismo Literário* (2008), de Felipe Pena, que foi utilizado para a análise desse estudo.

Baseado na hipótese de que na *Brasileiros* são encontradas características que correspondem ao jornalismo literário, elegeu-se como objetivo geral da pesquisa a identificação dessas propriedades nas reportagens da revista e, como específico, discorrer sobre o conceito e as características do jornalismo literário e apresentar as diferentes vertentes do gênero.

Na edição 31, de fevereiro de 2010, foi analisada a reportagem “Haiti: o drama e a história de um país que já nasceu em ruínas”, de Walteson Sardenberg. No número 32, de março de 2010, foi avaliada a matéria “Langsdorff: Um épico com segredos, arte, loucura e muita beleza ao alcance dos brasileiros”, escrita pelo historiador Jorge Caldeira. No número 33, de abril de 2010, analisou-se “O vento e o tempo” de Geraldo Hasse.

Para melhor entender a proposta da *Brasileiros*, foram solicitadas por e-mail informações



sobre a revista, que foram respondidas pela assistente de circulação e marketing, Gislaíne de Oliveira.

Seguindo as etapas de Lopes (2003, p. 149), a descrição resultou na tabela de características do jornalismo literário segundo a definição de Pena (2008, p.13). Para avaliar as reportagens, utilizou-se a análise de conteúdo voltada para os critérios qualitativos da matéria. Bardin (1977) destaca três principais fases para se realizar a análise de conteúdo: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

Na pré-análise, foram pesquisados conceitos que dessem respaldo teórico a esse trabalho, como livros e artigos sobre jornalismo literário, suas características e suas vertentes. Na exploração do material, foi feita a leitura das três edições e posteriormente foram escolhidas as reportagens que seriam analisadas, utilizando o critério do número de páginas. O tratamento dos dados foi realizado com o cruzamento dos conceitos teóricos com o observado nas reportagens analisadas, objetivando fazer inferências para responder à hipótese desse trabalho.

Nas considerações finais, foram sintetizadas a essência desse estudo, fazendo-se observações sobre o que foi analisado e sobre a hipótese inicial. Por fim, este trabalho buscou indicar novas propostas de pesquisa que surgiram com a finalização deste estudo.

Brasileiros sob a ótica do Jornalismo Literário

Para a análise de características do jornalismo literário na imprensa nacional, o objeto de estudo selecionado foi a *Brasileiros*, uma revista mensal da *Brasileiros Editora Ltda.*, publicada desde julho de 2007 e que, segundo dados fornecidos por e-mail pela redação, possui a tiragem de 41 mil exemplares.

De acordo com a proposta apresentada pelo site da revista⁴, veículo pretende lapidar e trabalhar de forma mais aprofundada “a enxurrada de informações onde navegamos diariamente, a cada hora e a cada minuto, seja nos jornais, no rádio, na tevê e principalmente na internet” (BRASILEIROS, s/d).

Segundo informação, por e-mail, da assistente de circulação e marketing, Gislaíne de

⁴ www.brasileiros.com.br



Oliveira⁵, a revista “é a criação de gente que acredita que jornalismo é um jeito de expressar paixão, muito mais do que contar fatos”. Ainda segundo ela, “qualquer brasileiro morador do Brasil ou de fora dele que tenha uma boa história para contar, nos interessa. Célebre ou anônimo, rico ou pobre, alegre ou triste, conservador ou revolucionário”.

Para verificar se as reportagens seguiam o propósito indicado pela redação do veículo, este trabalho selecionou uma matéria de cada uma das edições 31, 32 e 33, que correspondem respectivamente aos meses de fevereiro, março e abril de 2010. As reportagens são descritas ao mesmo tempo em que se busca identificar nelas características de jornalismo literário, para que seja possível avaliar se foram encontradas e quais são elas.

Análise I – edição de fevereiro de 2010

Na edição 32 analisou-se a reportagem “Haiti: o drama e a história de um país que já nasceu em ruínas”, de Walterson Sardenberg. A temática inundou todos os veículos de comunicação, nos meses de janeiro e fevereiro, devido ao terremoto que atingiu o país no dia 12 de janeiro. Diferente das demais mídias, a reportagem não foi matéria de capa e não possui a contextualização da tragédia que os outros veículos abordaram.

Ao começar a matéria, é perceptível que não há dados sobre o terremoto. Durante as dez páginas sobre o Haiti, não houve informações textuais específicas sobre o ocorrido, mas as fotos permitiram mostrar ao leitor a grandeza da tragédia. O repórter usa depoimentos de profissionais da imprensa que estiveram no local e contaram desde problemas com infraestrutura e transporte, até experiências pessoais como ajudar uma adolescente que teve a perna esmagada ou explicar para uma avó que queria dar sua neta que não podia aceitar porque “era ‘apenas’ uma jornalista e não estava interessada na criança” (BRASILEIROS, 2010, p.64).

Ao resgatar o sentimento de quem esteve na tragédia, o autor estaria não só potencializando os recursos do jornalismo, como garantindo profundidade aos relatos, ambas características do jornalismo literário, segundo Pena (2008, p.13). A segunda parte da matéria é um resumo da história do Haiti. O repórter procura resgatar o histórico do “país que já nasceu em ruínas” (BRASILEIROS, 2010, p.67), e relata alguns dos acontecimentos que marcaram de forma negativa o país. O autor inicia afirmando que o Haiti é:

⁵ Resposta obtida por e-mail em 27 de abril 2010.



O país mais pobre das Américas, onde se vive – se é que cabe o verbo – com 2 reais por dia. Uma terra condenada à sanha das intervenções e à sina de ditadores ferozes. Um formigueiro de 10 milhões de moradores, incapaz de uma produção econômica estável e condenado a exportar, sobretudo, imigrantes aliviados (BRASILEIROS, 2010, p. 67).

Ao usar a expressão “se é que cabe o verbo”, o autor está emitindo sua opinião de que os haitianos sobrevivem com muito pouco, na verdadeira miséria. Ele continua usando adjetivos como “ditadores ferozes”, “imigrantes aliviados” e também usa a metáfora “formigueiro” para definir a população do Haiti.

O autor relata o contexto de guerras, pobreza, golpes de Estado, corrupção e violência que, segundo ele, são o retrato do Haiti, e finaliza seu texto contando um pouco do trabalho do Brasil, que foi indicado pela ONU para liderar a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti.

Essa reportagem não é um produto completamente influenciado pelo jornalismo literário. Em diversos trechos da matéria são encontradas características que podem ser classificadas como fruto do jornalismo literário, mas não há a predominância do gênero, faltando importantes evidências.

Entretanto, apesar do texto não seguir fielmente a proposta do jornalismo literário, conclui-se que é possível encontrar características independentes que evidenciam a influência de traços literários no texto jornalístico.

Análise II – edição de março de 2010

Na edição de número 32, de março de 2010, foi feita a análise da reportagem de capa, cuja chamada é “Sebastiana: mato-grossense de Guimarães, retratada em 1827 pelo francês Adrien Taunay, que estava na expedição do barão alemão Langsdorff a serviço do governo russo. E só agora pode ser vista em sua pátria natal”, escrita pelo historiador Jorge Caldeira.

A primeira impressão que se tem ao ver a capa com a ilustração de uma menina e o título com o nome dela, é que a matéria abordará aspectos da vida da mato-grossense. Porém, ao ler a matéria, fica claro que Sebastiana é apenas um pequeno detalhe em um cenário complexo da expedição do Barão Langsdorff. Sua imagem reaparece na revista ao lado de outros retratos que seriam de pessoas de sua família, mas no texto não é acrescentado nada sobre a vida da menina ou de seus familiares.



Por não relatar os fatos por ordem de relevância, particularidade do *lead*, pode-se considerar que utilizou-se uma característica do jornalismo literário, ao transformar em capa um detalhe (a foto de Sebastiana) sem muita importância para o contexto geral da reportagem.

Antes de explicar quando a expedição aconteceu ou quanto tempo durou, o autor usa depoimentos dos próprios integrantes dela e cartas de terceiros sobre eles. Com isso, permite que os fatos ganhem mais profundidade, a sétima ponta da estrela de Pena, um artifício interessante, considerando que o autor do texto está escrevendo sobre um fato que aconteceu há quase dois séculos.

Antes mesmo de informar os detalhes da expedição e motivo dela acontecer, Caldeira já conta o desfecho da matéria informando que “durante 30 anos o Brasil foi a paixão do barão Georg Langsdorff – só a loucura foi capaz de interromper seu mergulho pelo país adentro” (BRASILEIROS, 2010, p.43).

Depois ele define o material coletado pela expedição como um tesouro que poderá ser visto em uma mostra que passará por São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, o motivo real de escrever sobre a expedição naquela data, e a única informação contemporânea da reportagem.

A matéria continua com informações cronológicas, explicando como Langsdorff conseguiu financiamento do governo russo para realizar a expedição no Brasil, e depois como ela se tornou também um projeto brasileiro.

Outro elemento importante que diferencia a matéria é o fato de que todo o contexto da expedição foi utilizado para que se noticiasse que a exposição de figuras feitas durante a viagem aconteceria em três cidades brasileiras. Para isso, as pinturas foram utilizadas para despertar a atenção do leitor, servindo como uma amostra do que estaria exibido na exposição.

A última parte da reportagem é opinativa e traz um box criticando a expedição. O autor reconhece que a exposição não é uma fonte histórica muito confiável, pois ela retrataria o Brasil como um país desconhecido pela humanidade. Nesse aspecto, o autor tem propriedade para opinar, já que na parte de colaboradores (p.14) da edição explica que ele é historiador.

Outro aspecto do jornalismo literário é que toda a história da expedição foi contada, buscando alternativas para melhor enquadrar o leitor no contexto, mas tudo por um motivo único:



anunciar que a exposição *Expedição Langsdorff* estaria no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, até 25 de abril e iria posteriormente para Brasília e Rio de Janeiro.

Ao retratar um acontecimento de relevância pouco considerável comparada às notícias que geralmente saem em veículos de comunicação, o autor desperta o interesse do leitor em visitar a exposição para apreciar o retrato brasileiro do século XIX, através dos olhos de Langsdorff e seus companheiros.

Análise III – edição de abril de 2010

Na edição 33, foi analisada a reportagem “O vento e o tempo”, de Geraldo Hasse, sobre a cidade de Osório (RS) e o distrito de Borússia, que ocupa 10 páginas da edição. O título da reportagem foi dividido em duas páginas diferentes. Nas duas primeiras páginas encontra-se “O vento e...” com uma foto aérea da planície de Osório com os geradores eólicos e uma asa-delta sobrevoando o local. Nas duas páginas seguintes encontra-se o resto do título, “O tempo”, com a foto de uma igreja antiga que fica em Borússia.

A introdução da reportagem mais parece a de um romance: “Açoite no inverno e bálsamo no verão, o vento é o segundo maior personagem da história do Rio Grande do Sul”, fazendo referência ao romance *O Tempo e o Vento*, de Erico Veríssimo (1949).

Em um ritmo desprezioso, o jornalista introduz o assunto sobre o parque eólico construído por espanhóis em 2006, e que fizeram a cidade de 42 mil habitantes passar a ser a quarta economia do Rio Grande do Sul. O autor informa o tamanho, peso e a velocidade que funcionam os geradores e entre esses dados ele resgata histórias da cidade, como a de Guido Muri, que considerava que os espanhóis chegaram tarde para fazer o trabalho, pois o vento está lá há séculos.

Hasse utiliza adjetivos, metáforas, histórias de personagens da cidade, e, principalmente o vento como cenário, fazendo uma reportagem interessante, potencializando assim os recursos do jornalismo. Em diversas partes do texto o autor parece estar conversando diretamente com o leitor. Ele conta sobre a piada de que a cidade só iria para frente no dia que o vento fosse engarrafado, e responde de maneira que parece estabelecer um diálogo com quem está lendo:

Por incrível que pareça, esse dia chegou, não em forma de garrafões, claro, mas de cata-ventos gigantes, construídos por uma empresa liderada pela Elecnor, da Espanha, país em que o vento é muito mais que uma metáfora. Milagre? Vingança? Ajuste de contas com a História? Sim, depois de



décadas de peleias infrutíferas na fronteira com a argentina, os castelhanos voltaram para conquistar um pedaço do território brasileiro. (BRASILEIROS, 2010, p.108)

Como os personagens da matéria não foram nenhum político da região, nem representantes da empresa responsável pelos geradores de energia eólica, pode-se considerar que ele não utilizou definidores primários, preferindo relatar histórias de pessoas da região.

A segunda parte da reportagem fala sobre Borússia, distrito de Osório que fica no alto do morro. De um vilarejo com duas mil e pessoas e aparentemente sem nada interessante para relatar, Hasse resgata a história do lugar, que tem nome alemão, mas é predominantemente ocupado por descendentes de italianos e portugueses.

A imersão do autor no texto e a descrição que ele faz da colônia é presente em diversas partes, como a que ele conta que “é aqui no Dodô Bar que o pessoal da vila compra pão, lingüiça, queijo, mel e outros produtos da colônia. Ou joga sinuca. Ou assiste aos jogos de futebol no telão. Ou faz festas de família [...]” (BRASILEIROS, 2010, p. 112).

Mais do que as reportagens anteriores, que apresentavam características do jornalismo literário em alguns trechos, o jornalista conseguiu claramente potencializar os recursos do jornalismo por fazer de uma pauta fria e aparentemente maçante, um material interessante que desperta a atenção do leitor.

Nessa reportagem fica claro como a literatura é um recurso que pode ser empregado ao jornalismo de forma a deixá-lo mais interessante, não retirando a característica de relatar acontecimentos reais. Portanto, principalmente através desta reportagem, reconhece-se que a revista Brasileiros trabalha com características do jornalismo literário, obedecendo à sua proposta de ser uma alternativa ao jornalismo cotidiano.

Quadro Comparativo

Com o objetivo de melhorar a visualização das características encontradas nos textos analisados, utilizou-se a metáfora da estrela de sete pontas de Felipe Pena (2008, p.13), na qual cada extremidade representa uma característica do jornalismo literário. As interpretações resultaram no quadro abaixo.



REPORTAGENS	ESTRELA DE SETE PONTAS ⁶						
	1	2	3	4	5	6	7
Edição 31	X		X		X	X	
Edição 32	X	X			X		X
Edição 33	X	X	X		X	X	X

Quadro 2 - Características do Jornalismo literário segundo Felipe Pena

Na reportagem sobre o Haiti, verificou-se um texto sem informações sobre o terremoto no país, o que rompe com as barreiras burocráticas estabelecidas pelo *lead*. A potencialização do jornalismo pode ser percebida pela diferente abordagem que o autor utilizou, reproduzindo relatos de profissionais que estiveram na tragédia. A não utilização de fontes oficiais (definidores primários) também é uma característica definida como jornalismo literário por Pena (2008, p.13). Por fim, o apanhado histórico do país foi fundamental para proporcionar visões amplas da realidade do local.

O relato sobre a expedição do barão Langsdorff surpreendeu por duas características principais: a utilização de um detalhe da reportagem como capa da revista, que desmistifica a ordem de prioridade estabelecida pelo *lead*, e a contextualização da expedição com a finalidade de informar que aconteceria uma exposição com os desenhos produzidos durante a viagem, o que pode ser interpretado como profundidade dos relatos e potencialização dos recursos jornalísticos. Além disso, por se tratar de uma pauta que misturava história com o factual, o autor ultrapassou os limites dos assuntos cotidianos.

Por fim, na reportagem “O Vento e o Tempo”, diferente das duas anteriores, não somente foram encontradas características do jornalismo literário em alguns trechos, mas toda a estrutura do texto era baseada no estilo literário. Tanto a forma estética de escrever quanto a descrição do lugar e das pessoas fizeram com que a reportagem fosse classificada como um legítimo produto do jornalismo literário, obedecendo a quase todas as características

⁶ Estrela de sete pontas de Felipe Pena: 1- Potencializar os recursos do Jornalismo; 2- Ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos; 3- Proporcionar visões amplas da realidade; 4- Exercer plenamente a cidadania; 5- Romper as correntes burocráticas do *lead*; 6- Evitar os definidores primários; 7- Garantir perenidade e profundidade aos relatos.



propostas por Pena.

Enfatiza-se que nenhuma das reportagens foi marcada com a característica de *exercer plenamente a cidadania*, pois considera-se que este conceito seja muito amplo, podendo ao mesmo tempo abranger e excluir uma mesma informação, dependendo da forma como é interpretada.

Considerações Finais

A revista Brasileiros não possui um padrão específico de trabalho. Como a estrutura da revista é composta por colaboradores periódicos, não há um estilo próprio de reportagens, variando desde a estruturação delas como a forma de escrita.

Nas reportagens das edições 31 e 32 foram identificadas, em trechos individuais, poucas características do jornalismo literário. Já na edição 33, o texto não só possuía traços desse gênero, como foi classificado como um legítimo produto do jornalismo literário.

Apesar do jornalismo literário não ser predominante das reportagens analisadas, a revista Brasileiros apresenta um formato diferenciado, que casa com a proposta do jornalismo literário de romper com as barreiras do jornalismo tradicional.

Como a proposta da revista afirma, a Brasileiros faz um jornalismo diferente da mídia convencional, utilizando inúmeras fotos e imagens nas reportagens, permitindo que o autor da reportagem opine, e, principalmente falando de assuntos que não têm muito espaço na mídia tradicional, um conceito diferente da maioria de revistas brasileiras.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. 139 p.

BULHOES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Atica, 2007. 216 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993. 69 p.

_____. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. Barueri: Manole, 2004. 371 p.



LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 7. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. 171 p.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008. 142 p.

REVISTA BRASILEIROS. Brasileiros Editora. Número 31, 2010.

REVISTA BRASILEIROS. Brasileiros Editora. Número 32, 2010.

REVISTA BRASILEIROS. Brasileiros Editora. Número 33, 2010.

ROMANI, Francesca **A vida ordinária no texto não-ficcional**: o caso da revista *piauí*
<http://www.pucrs.br/edipucrs/XSalaoIC/Ciencias_Sociais_Aplicadas/Comunicacao/70144-FRANCESCA_TONOLLI_ROMANI.pdf> acesso em 04 de maio de 2010

Entrevistas

Gislaine Oliveira – Assistente de circulação e marketing da revista Brasileiros. Entrevista por e-mail respondida em 27 de abril de 2010.